

[editorial]



## Vestir é mais que moda

Valéria Faria dos Santos Tessari – Editora executiva

<https://orcid.org/0000-0002-7959-909X>

Maria Claudia Bonadio – Editora-chefe

<https://orcid.org/0000-0001-9704-9780>

40 dObra[s]!

O novo número nos faz refletir, com gratidão, sobre a longevidade desta revista acadêmica e desejar que seu futuro seja ainda mais longo.

Um futuro, que sabemos, é dependente do passado e de reconhecer os/as/es sujeitos que estavam aqui antes de nós.

A dObra[s] 40 é um passo em direção a esse reconhecimento. O tema do dossiê que ancora este número surgiu da sensibilidade quanto às questões que envolvem pessoas indígenas e a academia Brasil. A presença de pessoas que se declaram descendentes de povos originários nas universidades vem crescendo e, entre 2011 e 2021, passou de 9.764 alunos para 46 mil o que, sem dúvida significa um aumento expressivo, no entanto representa 3,3% da população que se identifica como indígena no país<sup>1</sup>.

Na intenção de ampliar a divulgação e a visibilidade desta presença e de estudos sobre a indumentária e o vestir de povos originários, a equipe editorial da dObra[s] convidou a Professora Dra. Rita Morais de Andrade, da Universidade Federal de Goiás, que vem realizando pesquisas na área, para organizar este dossiê temático, sendo que a ideia foi prontamente acolhida.

Por se tratar de tema emergente, firmado na transmissão oral de saberes e fazeres, ainda é reduzido o número de pesquisadoras e publicações acadêmicas existentes e foi necessário abrir certas exceções para viabilizar o dossiê. Por exemplo, a equipe de organizadoras foi formada por duas doutoras, a Dra. Rita Morais de Andrade e Dra. Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça (SEBRAE Goiás) e por duas mulheres indígenas Tuinaki Koixaru Karajá (Diretora do Instituto Cultural Maluá, TO) e Waxiaki Karajá (Orientadora e pedagoga da Escola Estadual Indígena Maluá, TO).

Também abrimos uma exceção na política editorial aceitando a submissão de artigos por autorias indígenas mesmo sem a titulação mínima de mestre, que seria pré-requisito.

O dossiê, organizado por esta equipe inédita, trata sobre dos vestires tanto no passado, quanto nas suas formas no presente, sempre pensando e repensando os sentidos da ancestralidade e como podemos e devemos olhar para esta potência. Os artigos, entrevista,

---

<sup>1</sup> Dados de acordo com a reportagem “Número de indígenas no ensino superior é 5 vezes maior que em 2011, aponta levantamento”, de 06/05/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/05/06/numero-de-indigenas-no-ensino-superior-e-5-vezes-maior-que-em-2011-aponta-levantamento.ghtml>

resenha, relato de exposição, ensaios visuais, fotografias e ilustrações que compõem o conjunto argumentam, em sua pluralidade, que as roupas ou as tantas coisas que vestem os corpos excedem a moda como a entendemos. São modos plurais de vestir de coletivos pertencentes a lugares específicos, ao longo de um tempo muito mais amplo que a moda, vestires longínquos que chegam, de algum modo, ao presente e que, esperamos, sigam para o futuro.

Integram esta edição artigos recebidos em fluxo contínuo, como “Setenta anos de História da Moda em São Paulo (1950-2020), de Natália de Noronha Santucci e Paulo Gabriel Alves. Nesta publicação, a autora e o autor apresentam alguns resultados do projeto de pesquisa independente “Histórias da Moda”, que tem como intuito criar um amplo inventário das produções acadêmicas brasileiras que tratam sobre moda na perspectiva histórica. Foram consultadas dissertações e teses temáticas em repositórios de 53 Instituições de Ensino Superior (IES) com programas de pós-graduação credenciados pela CAPES no estado de São Paulo, gerando um panorama das publicações feitas no período selecionado.

Em “Caminhos decoloniais nos estudos de moda: raça, gênero e um conceito em revisão”, Natalia Rosa Epaminondas articula um diálogo entre moda e pensamento decolonial, apontando que as categorias raça e gênero são atravessamentos presentes nas discussões no Brasil e identificando a necessidade de colocar em discussão o próprio conceito de moda a partir de um viés crítico.

Tatalina Oliveira reflete sobre questões do universo gay em “Respeito muito minhas lágrimas, e muito mais minhas risadas’: artefatos de moda, processos de identificação e construção de Estilo da comunidade Homoerótica Urso/Bear recifense”. A partir de certa ressignificação dos corpos gays, surgida em São Francisco (Califórnia) nos anos 1980, a autora trata sobre a relação entre a produção dos corpos e o consumo de artefatos de moda na cidade de Recife (PE), discutindo os sentidos que a imagem do “macho rústico original” tem para os entrevistados.

Por fim, no artigo “Contribuições das dimensões psicológicas para a gestão ambiental em uma indústria de jeans: um estudo de caso”, as autoras Larissa Aparecida Wachholz, Rute Grossi-Milani e Maria de Los Angeles Perez Lizama ocupam-se de investigar a ciência e o envolvimento de trabalhadoras de uma indústria de produção do jeans a respeito da gestão ambiental. As autoras indicam que as estratégias sustentáveis propostas pela empresa não alcançam a participação das trabalhadoras e apontam a necessidade de investimento em educação ambiental.

Como sempre, ao final do número apresentamos a seção Galeria, desta vez com ilustrações e fotografias cedidas por mulheres indígenas, as fotógrafas Hawalari Sandoval Coxini e Rafaella Sandoval Coxini Karajá e das artistas Kathellen Timoteo Matos (Kath Xapi Puri) e Wanessa Ribeiro Ferreira.

Agradecemos de forma muito especial às organizadoras do dossiê, que o idealizaram e que não mediram esforços para realizá-lo, mesmo diante de tantos desafios. Agradecemos à equipe dObra[s] pelo trabalho coletivo e prazeroso.

Aproveitem a leitura desta publicação inédita, em tantos sentidos!